

Quando se escreve uma biografia, especialmente a de alguém com uma vida tão rica como a de Alda Rosa, é difícil separar os factos pessoais dos profissionais. Para compreender o trabalho desta mulher, será que é necessário saber que viveu em Londres como uma jovem estudante de design, durante o período do Estado Novo? Que viveu dois anos em Macau? Que nunca casou nem teve filhos? Que gosta de conversar com os amigos e conhecer pessoas? Ou será mais importante identificar os clientes com quem trabalhou, as suas principais obras e saber que foi um dos membros fundadores da Associação Portuguesa de Designers? Possivelmente, será interessante estabelecer um bom equilíbrio de todos estes factores.

Alda Rosa tem vivido a maior parte da sua vida em Lisboa, mas nasceu em Braga, em 1936, numa família abastada e viveu os seus primeiros anos em Viana do Castelo. Um ensaio biográfico que partilhou connosco descreve a sua infância em Viana como um tempo mágico, numa casa grande, rodeada pelas mulheres importantes da sua vida, desde a sua mãe e avó, até à cozinheira, à costureira e à senhora da limpeza que povoavam a casa.

Atormentada pela asma desde a infância, a sua vida ia sendo, de certa forma, protegida até que a mãe a convenceu a viajar a Viena e participar no Congresso Mundial de Estudantes e Intelectuais Católicos, presidido por Maria de Lourdes Pintassilgo (“falou com os meus amigos e a dada altura, disse, ‘Alda vai’”). Alda Rosa lembra este momento significativo como um primeiro impulso para a emancipação. Esta primeira viagem ao estrangeiro foi muito importante para a Alda, jovem de 22 anos, dando-lhe confiança para se mudar para Londres, depois de se formar em Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, viveu em Londres de 1967 a 1970, estudando arte e design gráfico no Ravensbourne College of Art and Design. O seu interesse pelo design de moda esteve sempre presente, numa estadia anterior em Londres realizou um sonho antigo e assistiu a algumas aulas do curso de design de moda na Saint Martin’s School of Art e já em 1963 assumira o papel de figurinista na produção do icónico filme *Os Verdes Anos*.

Em 1965, Alda Rosa começou a trabalhar no INII (Instituto Nacional de Investigação Industrial), onde fez parte da comissão organizadora das Exposições de Design Português de 1971 e 1973. Segundo Alda Rosa, o seu interesse em juntar-se ao INII estava relacionado com a grande responsabilidade de fazer parte do serviço público e de um departamento com claras responsabilidades educativas e com o alcance de um público amplo. Ao mesmo tempo, fazer parte deste instituto dar-lhe-ia acesso a investigações e palestras sobre design proferidas por figuras internacionais de renome. Já membro do INII, aproveitou a sua estadia em Londres para recolher informações e adquirir conhecimentos no

Design Center, em exposições e outros eventos de design, que pôde mais tarde recrear e desenvolver em Portugal. Os textos didáticos e práticos que escreveu, em 1984, para *Design Industrial*, uma publicação da Direcção da Qualidade, são a prova do seu interesse pela educação e pela partilha de conhecimentos.

Como designer interna do INII, as suas tarefas diárias eram muitas vezes prosaicas. Alda Rosa orgulha-se de ter criado materiais gráficos para muitos outros sectores do INII, tais como Economia, Educação e Serviços de Produtividade, tendo sido capaz de explicar aos seus colegas o significado de uma estratégia de comunicação coordenada e o impacto da identidade visual nos eventos.

No decorrer da sua estadia no INII, Alda Rosa trabalhou simultaneamente como designer independente, criando capas de livros para editoras como a Estampa, a Cosmos, a Moraes, a Plátano, entre outras; desenhando muitos catálogos e gráficos de exposições para clientes da área da cultura, uma prática que abraçou plenamente quando se tornou designer *freelancer* a tempo inteiro, em 1993. De 1987 a 1989, Alda viveu em Macau, onde criou e depois dirigiu o sector gráfico do Instituto Cultural de Macau (ICM). Foi, também, sócia fundadora da Associação Portuguesa de Designers (APD), que dirigiu entre 1990 e 1993.

É surpreendente que uma designer com contribuições tão notáveis para esta disciplina, presente em tantos momentos chave e desempenhando um papel tão significativo na institucionalização do design em Portugal, tenha sido tão pouco considerada na história atual do design em Portugal. Talvez isso se deva, em parte, à dificuldade de definir o trabalho da Alda Rosa. Ao entrar em sua casa, com as paredes repletas de estantes, torna-se claro que Alda Rosa é uma leitora voraz e, ao conhecê-la, uma das coisas mais curiosas é descobrir que ela não está interessada em falar sobre as qualidades formais dos objetos que concebeu. Não está preocupada em explicar porque utilizou uma determinada fonte, ou escolheu um determinado formato ou cor, nem se mostra particularmente comovida ou dominada por um sentimento nostálgico quando se lembra de como era antes o processo de design, tão diferente do de agora. Fica claro que o que Alda Rosa mais se lembra de cada projeto é do modo como organizava a informação, como utilizava o seu design para ajudar nas decisões editoriais. Esta diluição da fronteira entre designer e autora, uma constante ao longo da carreira de Alda Rosa, visto que ela considera a formação de palavras como uma parte paralela e intrínseca do processo de design, em vez de um conjunto pré-existente de peças para ela “desenhar”, pode levar a dificuldades ao registar e identificar as suas contribuições como designer, mas isso não deve pressupor nenhuma dificuldade no momento de as valorizar.

*Isabel Duarte, 2021*